

O VAGABUNDO DAS MÃOS DE OIRO

Farsa em 3 actos de ROMEU CORREIA. Publicada em 1960 (várias reedições).

Representada pela primeira vez em 1 de Agosto de 1962 no Teatro Experimental do Porto, numa encenação de João Guedes.

[...]

Cenário fixo para os 3 actos, em que só alguns elementos variam: recortada contra a imensidão da charneca, uma barraca de feira com um estrado, encoberto por uma tela que se abre e fecha conforme as necessidades de acção, mostrando no 1.º acto o apontamento de uma casa rústica e no 2.º e 3.º um salão burguês.

O autor chamou a esta peça «uma farsa inspirada nos romances de cordel que os mendigos vendem nas feiras e romarias»; toda ela é, portanto, «caricatura, cor e poesia ingénua». A peça conta-nos o delírio de um «bonecreiro» ou manipulador de fantoches, Mestre Albino, que abandonou o meio burguês em que nasceu e trocou a mulher e a filha pela existência aventureira dos saltimbancos que vão de terra em terra exibindo a sua arte espontânea perante um público popular. À excepção de Mestre Albino e do seu ajudante, Zé Guia, todas as restantes personagens são fantoches através dos quais o «bonecreiro» evoca e repete a sua própria história, misturando na sua alucinação a família burguesa de que provém e que renegou e a família rural que constituiu e que abandonou. O autor, habilmente, tira partido deste contraste entre dois meios sociais a que o traço entre ingénuo e esquemático da farsa confere uma forte acuidade crítica.

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, p. 265.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.